

O cerco se fecha para Bolsonaro

Ex-presidente começa o sábado com problemas no pé esquerdo e é levado à prisão.

www.bancariosfeira.com.br

A PRISÃO preventiva de Jair Bolsonaro na manhã do sábado (22/11) recoloca o país diante de um fato incontornável. Depois de sucessivas investigações e de uma longa escalada de confrontos com as instituições, o ex-presidente foi detido depois de tentar quebrar a tornezeira eletrônica. A decisão do Supremo se baseia na constatação de que havia risco real de fuga durante a mobilização de apoiadores em frente à casa onde ele cumpria a medida cautelar.

Para quem acompanha de perto as lutas democráticas, a prisão não é motivo de celebração vazia. É alívio. Marca o funcionamento das instituições em um país

que ainda tenta se afastar dos impulsos autoritários que marcaram os últimos anos e que são feridas ainda abertas em sua história. O episódio lembra que a lei precisa valer para todos e que a democracia só se sustenta quando esse princípio é levado a sério.

Governadores e líderes do Centrão evitam qualquer gesto de solidariedade pública. Bolsonaro, que sempre apostou na intimidação e na força do tumulto, se vê isolado. O país, por outro lado, observa uma chance de reorganizar o debate público sem a sombra permanente do confronto fabricado.

O momento é de desmonte da velha retórica do ex-presidente de que seria perseguido político. Diante das evidências, o discurso cai como bravata. Quem sempre tratou as regras como incômodo agora enfrenta o peso de um sistema que, mesmo lento, reage. O país já pagou caro demais pela ousadia antidemocrática que ele estimulou e a prisão, ainda que tardia, sinaliza um freio que deveria ter vindo há muito tempo.



Sob o olhar secreto

“O AGENTE SECRETO”, novo filme de Kleber Mendonça Filho, acompanha Marcelo, um professor que volta ao Recife em 1977 em busca de tranquilidade, mas se vê cercado por vigilância, suspeitas e pelo clima opressor da ditadura. O longa constrói um thriller político a partir da sensação de ameaça constante, mostrando como a rotina de um cidadão comum pode ser virada do avesso quando o Estado decide observar, investigar e controlar.

O filme toca em feridas históricas: repressão, perseguição a trabalhadores organizados e uso da vigilância como ferramenta política. Sem ser didático, o filme lembra o peso real da repressão e por que defender direitos, organização e participação continua sendo uma tarefa urgente, ontem e agora.



Copa Society

AS SEMIFINAIS da Copa Society 2025, que seriam disputadas no dia 22/11, foram adiadas por conta das fortes chuvas que atingiram Feira de Santana e deixaram o campo do Clube da Caixa sem condições de uso. Com a liberação do espaço e a melhora do clima, a competição retorna já neste sábado, 29 de novembro. A rodada promete confrontos acirrados. O Bradesco Getúlio enfrenta a equipe da Caixa Super, enquanto a Caixa Centro disputa a outra vaga na final contra o Santander. A expectativa é de jogos equilibrados e de grande participação das torcidas, que aguardam o desfecho da competição.

SAQUE

CALOTE DO AGRO O Banco do Brasil viu seu lucro despencar porque parte do agronegócio, aquele mesmo que vive de propaganda dizendo “agro é pop” simplesmente não pagou o que devia. A inadimplência rural cresceu, pressionou as provisões do banco e reduziu a PLR dos trabalhadores. Enquanto o BB segura a bronca, grandes produtores mantêm o discurso de eficiência, mas dependem cada vez mais de crédito público e renegociação eterna.

DESIGUALDADE O levantamento feito pela Caixa em parceria com o DIEESE expôs um retrato duro: entre os empregados que ganham mais de dez salários mínimos, apenas 0,07% são pessoas pretas. Já entre os que recebem até três salários mínimos, pretos e pardos somam quase 63%. Ou seja: quanto mais alto o cargo, mais branca fica a instituição. É a confirmação estatística de um problema estrutural que o movimento sindical denuncia há anos: a Caixa precisa enfrentar o racismo institucional de verdade, não só em campanhas de marketing.

SOBERANIA A decisão do governo dos EUA de retirar as sobretaxas aplicadas durante a gestão Trump representa uma vitória da diplomacia brasileira. A medida beneficia diretamente produtos como o aço e o alumínio, setores que vinham acumulando prejuízos. O governo Lula tratou o caso com articulação e diálogo, o oposto do improvisado que marcou anos anteriores. O recado é simples: quando o Brasil volta a agir como ator político, não como figurante, os resultados aparecem.

SINDICALIZAÇÃO EM ALTA Após dez anos de queda, a taxa de sindicalização voltou a crescer no Brasil. O aumento é tímido, mas significativo: reflete a percepção de que, diante da precarização, das jornadas abusivas e da pejotização forçada, o sindicato permanece sendo a única instância capaz de organizar resistência. Não é coincidência que o movimento ressurgiu justamente quando as condições de trabalho pioram, trabalhadores sabem reconhecer onde está a proteção concreta.

COMPLIANCE ZERO A operação que prendeu o dono do Banco Master, Daniel Vercaro, escancarou um circuito de influência que se estendia do sistema financeiro aos gabinetes políticos. A extrema direita acusou “perseguição”, enquanto a lama segue subindo e ameaçando respingar nos seus círculos mais próximos.

O BANCÁRIO!

Ano 2025 - Edição: 045 24/11 a 30/11

Presidente: Eritan Machado

Com lucros em alta, Bradesco demite trabalhadores e fecha agências

Ato em Feira de Santana expõe superlotação e descumprimento de promessas

www.bancariosfeira.com.br

NA MANHÃ da quarta-feira (19/11), funcionários do Bradesco e dirigentes do Sindicato dos Bancários de Feira de Santana participaram do Dia Nacional de Luta, mobilização que ocorreu em todo o país para denunciar demissões, fechamento de agências e o agravamento das condições de



trabalho. O ato foi realizado em frente à agência da avenida Getúlio Vargas e cobrou do banco o cumprimento das promessas feitas após o início do enxugamento da rede.

O protesto acontece num contexto de fortes críticas à estratégia do Bradesco. Mesmo registrando lucros elevados em seus últimos balanços, o banco mantém o fechamento de unidades, reduz equipes e transfere atendimento para menos pontos físicos, o que amplia filas e pressiona quem permanece nas agências, em uma política que aprofunda a precarização e contradiz o discurso de modernização usado pela instituição para justificar cortes.

Em Feira de Santana, o processo ganhou força após o encerramento da agência da avenida João Durval. O banco havia prometido realocar todos os trabalhadores sem demissões, mas a agência da Getúlio Vargas passou meses superlotada e o quadro de pessoal continuou diminuindo. Cerca de dez funcionários foram desligados desde novembro de 2024. Só em novembro de 2025, 4 bancários perderam seus postos.

A redução do quadro compromete diretamente o atendimento à população e



expõe trabalhadores a metas inalcançáveis, acúmulo de funções e adoecimento. A mobilização é o primeiro passo de uma agenda de pressões que deve continuar caso o Bradesco não reajuste sua política de desrespeito aos trabalhadores e clientes.

Itaú intensifica fechamentos e superlota unidades



O FECHAMENTO desenfreado de agências bancárias do Itaú, 241 somente em 2025, tem causado sérios transtornos a clientes e funcionários. As poucas unidades que escapam do processo de “reestruturação” permanecem superlotadas. Enquanto clientes chegam a esperar até quatro horas por atendimento, os bancários trabalham no limite da sobrecarga.

O cenário é surreal e evidencia a irresponsabilidade do maior banco privado do país, que, apenas nos primeiros nove meses do ano, obteve lucro líquido de R\$ 34 bilhões.

Diante disso, o tema foi levado à mesa de negociação pela COE (Comissão de Organização dos Empregados).

A postura do Itaú está distante do discurso público de responsabilidade social. O fechamento acelerado de agências, a redução de quadros, a sobrecarga e o adoecimento crescente revelam uma política de redução de custos a qualquer preço, impulsionada pela disputa com bancos digitais.

A falta de critérios no processo de fechamento e a ausência de diálogo com os sindicatos também foram criticadas. Para a COE, a população tem sido diretamente prejudicada, especialmente idosos, aposentados e moradores de regiões periféricas, que ficam desassistidos e com atendimento precarizado.

